

*Giuseppe Carlo Rossi. Lusitani-
sta (1908-1983). Atti del Conve-
gno Internazionale nel centenario
della nascita (Napoli, 31 ottobre
2008-UNIOR; Lisbona, 3 dicem-
bre 2008-I.I.C., organizzazione di
Maria Luisa Cusati)*, a cura di Te-
resa Gil Mendes, Roma, Albatros,
2012.

Por ocasião do centenário do nascimento de Giuseppe Carlo Rossi, o primeiro professor catedrático de Língua e literatura portuguesas em Itália, como se sabe, quis um grupo de estudiosos prestar-lhe a homenagem talvez mais válida culturalmente, organizando dois colóquios unificados pela revisitação da sua obra gigantesca. Da dimensão deste legado científico é-nos fornecida memória rigorosa na bibliografia organizada por Rosaria De Marco, com base

nos elementos já precedentemente coligidos por Gerardo Grossi, Annamaria Pagliaro e Claudio Baginati, isto é: 18 volumes de ensaios de crítica e de história literária; 54 ensaios publicados em volumes miscelâneos; 609 artigos inseridos em quotidianos e em revistas especializadas italianas e estrangeiras; 409 recensões; 6 introduções a volumes diversos; 4 traduções (de que destaco a tradução portuguesa de *Navegações de Luis de Cadamosto* e a tradução italiana de *Volfrâmio*, de Aquilino Ribeiro), para além de 202 verbetes para enciclopédias, histórias literárias, antologias, etc.. Dos dois colóquios – o de Nápoles e o de Lisboa – se reúnem aqui as várias comunicações com organização cuidada de Teresa Gil Mendes.

As “Actas” estão substancialmente divididas em três secções: “Studi sulla biografia”, “Testimo-

nianze” e “Interventi”. Da primeira é justo referir a intervenção de Maria Luisa Cusati (pp. 20-29), organizadora do convénio, a qual recorda o percurso do estudioso e a sua actividade fundamental para a institucionalização dos estudos portugueses em Itália, favorecendo sempre as relações culturais numa perspectiva de reciprocidade; e o trabalho de Laura Melania Rocchi (pp. 30-44), com base em documentos do Arquivo Histórico do “Ministero degli Esteri”, onde se observa, com minúcia, o empenho didáctico e científico dos anos portugueses (1939-1948), sem esquecer a colaboração entusiástica na revista *Estudos Italianos em Portugal*, logo a partir do n.º 2, em 1940.

A segunda secção agrupa três testemunhos de outros tantos discípulos – Franco Tamassia, Gian Carlo Menichelli e Claudio Baginati –, os quais recordam o magistério de Giuseppe Carlo Rossi e o seu entusiasmo como divulgador das culturas da área ibérica. Mas é a terceira secção (“Interventi”) a parte mais nutrida e certamente mais original das “Actas”, até porque, em linhas gerais, os textos aqui transcritos vão para além da simples homenagem e comemora-

ção de uma figura, oferecendo-nos estudos críticos aprofundados sobre temas e problemas da sua obra monumental. Assim, Mariagrazia Russo (pp. 70-83) analisa o conhecido ensaio *Il Leopardi e il mondo di lingua portoghese*, publicado em 1970, do qual se parte para um trabalho posterior da própria estudiosa, clarificando questões, já então levantadas, sobre a presença do poeta de Recanati na obra de António Feliciano de Castilho, de Antero de Quental ou de Fernando Pessoa.

Por seu lado Rita Marnoto (pp. 84-95) dedica a sua intervenção à análise do volume *La letteratura italiana e le letterature di lingua portoghese*, de 1967, e que conheceu uma versão revista e actualizada, em tradução portuguesa de Giuseppe Mea (1973). Saliente-se, entre outros motivos de inegável interesse, as pertinentes reflexões desta estudiosa sobre as linhas de força de uma obra, em especial quando analisa as homologias entre o lusotropicalismo de Gilberto Freyre e as posições de G.C. Rossi: “In comune, l’idea di una piattforma tra il Portogallo e il Brasile, che Gilberto Freyre identifica nel lusotropicalismo e Giuseppe Carlo Rossi nella lingua portoghese” (p.

95). Rita Marnoto entrevê, ainda, limites de informação em vários pontos do volume, “desvelados” por trabalhos posteriores de outros estudiosos, embora considere, e muito justamente, que até hoje não existe uma obra semelhante noutras literaturas estrangeiras e que tenham estabelecido um diálogo íntimo com as literaturas portuguesa e brasileira, o que confere ao volume uma sólida perspectiva que antecipa, “per tanti versi, nuovi indirizzi del comparatismo” (p. 91).

E também a propósito das relações culturais entre a Itália e Portugal, é de salientar o estudo de Manuel Ferro (pp. 102-113) sobre a presença de Manzoni em Portugal, partindo da análise anterior de G. C. Rossi; e a intervenção da malograda lusitanista Carmen M. Radulet (pp. 115-121), que vai para além da análise de *Storia della letteratura portoghese* (1953), citada no título, debruçando-se igualmente sobre *Teatro portoghese e brasiliano* (1956) e sobre *La civiltà portoghese. Profilo storico e storico-letterario* (1975), o que a leva a considerar o autor destas grandes obras como “divulgatore ad alto livello” das culturas lusófonas em Itália. A este respeito, é sem dúvida obrigatório

referir o estudo de Teresa Gil Mendes (pp. 122-128), a qual revela a sensibilidade e o interesse do estudioso relativamente às novas literaturas africanas de língua portuguesa, manifestados já desde 1965, de que são exemplo a recensão a *Giro di Boa (Viragem)*, de Castro Soromenho, ou o texto dedicado ao poeta angolano Geraldo Bessa Victor, em 1967; e a comunicação de Regina Célia Pereira da Silva (pp. 157-163), que revisita os muitos artigos divulgativos sobre Goa, vista como encruzilhada entre Oriente e Ocidente, objecto de interesse de G. C. Rossi nos anos cinquenta e nos primeiros anos da década de sessenta do séc. XX.

De assinalar são ainda as comunicações de Giuseppe Mea sobre a sua tradução portuguesa de *La letteratura italiana e le letterature di lingua portoghese* (pp. 96-101); de Teresa Cirillo Sirri e Gerardo Grossi, recordando o director e animador dos *Annali – Sezione Romanza do IUON* (pp. 129-137); e a minuciosa investigação de Mariagrazia Russo (pp. 138-156) à volta da actividade didáctica e das colaborações jornalísticas de G. C. Rossi, que não limita a recensão de jornais italianos mas também de artigos vários em jornais portugue-

ses e brasileiros, desenhando um sector que certamente não pertence à bagagem científica do ilustre estudioso mas constitui decerto “un lavoro di semina che qualcun altro, un giorno, raccoglierà” (p. 154).

Na sua globalidade, as actas remetem eloquentemente, como se depreende, para uma obra plurifacetada e rica de propostas apontando para vários âmbitos de investigação. E a prova, se fosse necessária, está no diálogo que pôde estabelecer, em muitos casos, com posteriores abordagens, como aquelas de que se procurou aqui dar o relevo que sem dúvida merecem. MANUEL G. SIMÕES

Gli Incogniti e l'Europa, a cura di Davide Conrieri, Bologna, I Libri di Emil, 2011.

A Academia dos Incógnitos, de Veneza, foi fundada por Giovanni Francesco Loredano, por volta de 1623. Sob o lema “Ex ignoto notus”, da autoria de Guido Casoni, a sua insígnia, desenhada por Francesco Ruschi e Jacopo Piccini, representa o Nilo, cujas nascentes, ‘ignoradas’ na época, desciam de um monte para fertilizar uma planície, antes de se lançar no Mediterrâneo. Embora a sua in-

tensa actividade fosse de carácter humanístico, cultivava uma certa interdisciplinaridade com o campo das ciências e da medicina, e fomentava a produção e a difusão do livro, a leitura e o debate. Reuniu praticamente no seu seio os representantes das várias tendências da cultura do Barroco, mesmo opositores e anticonformistas, a par de outros que promovem e estimulam o sistema cultural dominante. Contam-se, entre os seus membros de maior projecção, figuras como Ferrante Pallavicino, Gian Francesco Biondi, Girolamo Brusoni e Antonio Rocco. O período de maior esplendor da Academia situa-se nas décadas de 30 e 40 de Seiscentos. Da sua produção, é ampla a variedade em termos genológicos: desde romances e novelas, à história, dissertações académicas, poesia lírica, tratados em latim e em vernáculo, todos eles caracterizados pela veia retórica, pela eficácia narrativa e dinâmica de acção; mas também ainda conta com uma intensa actividade musical, de melodramas, e pictórica, dominando em ambas as áreas um certo eclectismo. Grande parte das obras produzidas no seu seio tiveram alcance europeu. Depois de problemas surgidos na segunda metade